

RESENHA

BAUMAN, Zygmunt. **Isto não é um diário**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

Luana Caroline Künast Polon

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

E-mail: luanacaroline.geografia@gmail.com

Resenha recebida em 30/09/2014

Aceito para publicação em 20/12/2014

Aproximando-se dos 90 anos de idade, Zygmunt Bauman continua publicando ativamente, com uma lucidez admirável. Conhecido por seu pensamento eclético, Bauman consegue discorrer sobre diversos assuntos com sabedoria, relacionando seu pensamento com o de outros autores consagrados. Bauman demonstra em suas reflexões a satisfação que sente em pensar sobre o mundo. Suas publicações apresentam temas contemporâneos, e indagam o modo de vida nas sociedades modernas, atentando para a fragilidade dos laços humanos, o consumismo e o ritmo frenético em que os indivíduos vivem.

No livro “Isto não é um diário”, publicado em 2012 pela Editora Zahar, contando com a tradução de Carlos Alberto Medeiros, Bauman adota um método livre de pensamento, expondo questões relevantes de um modo menos habitual, diante do contexto das publicações científicas. O livro é composto por curtos fragmentos contendo reflexões acerca de diversos temas. O que poderia ser caracterizado como um diário ou publicado em algum *blog* sobre assuntos diversos, Bauman transforma em um livro de cunho reflexivo.

Os fragmentos possuem títulos específicos e contam com a data em que foram escritos. Essa forma de organização do texto se remete à ideia de um diário. Bauman se considera incapaz de pensar sem escrever, como afirma no livro. Assim, suas divagações chegam ao alcance dos adeptos de leituras como as ofertadas pelo autor. As inspirações contidas no livro “Isto não é um diário” falam sobre “quase tudo”, no sentido de abarcarem algumas das principais problemáticas sociais da contemporaneidade.

Dentre os diversos temas expostos ao longo do livro, podem-se destacar fragmentos sobre a forma como os jovens estão inseridos na sociedade e o problema da falta de perspectiva profissional; a bolha imobiliária americana, a qual gerou polêmica ao desapropriar diversas pessoas que deixaram de pagar as hipotecas de suas casas, devido ao contexto de

crise vivido pelos norte-americanos; questões políticas de países como Estados Unidos e a Itália, diante das mudanças governamentais e problemas específicos aos países em questão; as propostas de regulamentação do uso da internet (as quais também foram discutidas no Brasil recentemente, gerando diversas polêmicas); o conceito de democracia e as mobilizações dos jovens em diversas partes do mundo; além de temas que se remetem às relações sociais contemporâneas, como a naturalização da mentira, a fragilidade dos laços criados virtualmente, dentre outros assuntos.

Bauman começa o livro com reflexões do ano de 2010, nas quais ele discorre sobre o sentido, bem como a falta de sentido, da criação de um diário. O texto escrito na primeira pessoa do singular reflete as inquietações do autor em explicitar seus pensamentos, os quais não poderiam permanecer aprisionados, já que, segundo ele, o jogo das palavras é o mais celestial dos prazeres. Nesta primeira parte, Bauman expõe um dos fatores que o motivam a escrever, que é a ausência de sua esposa, Janina Bauman, a qual faleceu em 2009. Zygmunt e Janina foram casados durante 62 anos, e foi na companhia dela que ele vivenciou as consequências do antissemitismo, exílio e o conflito de identidade (como ele mesmo afirma). Assim, a ausência de sua esposa, e a solidão em que se encontra, faz com que Bauman sinta a necessidade de expressar por meio das palavras tudo o que sente. Nas palavras dele, quando liga seu computador, a sua primeira imagem é uma foto de Janina, e as palavras que se seguem no papel, são uma espécie de diálogo.

Dentre os temas abordados por Bauman no livro “Isto não é um diário”, estão reflexões relativas ao “acreditar”, e até que ponto ainda é possível confiar nas pessoas diante de uma sociedade em que há um florescimento da arrogância, em detrimento da erosão da confiança. Segundo o autor, a contemporaneidade tem como uma de suas marcas a naturalização das mentiras, e a conseqüente aceitação de que as pessoas não são totalmente confiáveis. Este fenômeno é percebido no campo político, quando se torna praticamente impossível confiar nas propostas e ver a concretização daquilo que foi prometido.

Segundo Bauman, o espectro da mentira assombra tanto o contexto *off-line*, quanto o *on-line*. Diversas matérias são publicadas diariamente em sites e nas redes sociais, e boa parte deste conteúdo é de caráter falso. Assim, os indivíduos estão imersos em uma sociedade de incertezas, e as garantias de veracidade dos fatos são escassas. A questão que se coloca diante disso é sobre em quem se pode confiar. Diante da discussão exposta, Bauman se remete a

George Orwell, quando este demonstra a criação uma “outra verdade”, por meio da “novilíngua”, em seu livro “1984”.

Bauman analisa as relações interpessoais em um contexto de virtualização dos relacionamentos. Para esta discussão, ele toma como base um estudo do antropólogo Robin Dunbar, o qual mostra que dentro de uma lógica de evolução, o aceitável para os indivíduos é um círculo de no máximo 150 pessoas próximas, os quais seriam considerados seu “campo de relacionamentos”. O contexto contemporâneo, com a disseminação do acesso às redes sociais, tem permitido que as pessoas se relacionem com uma quantidade excessivamente maior de indivíduos do que o número proposto por Dunbar. Neste sentido, Bauman analisa que as relações são possíveis nestes ambientes virtuais, pois não há um aprofundamento, e os laços podem ser facilmente rompidos quando algo não está bem, diferentemente de um contexto de relacionamentos pessoais próximos, os quais eram, segundo Bauman, dotados de “inquebrantabilidade”.

Bauman reflete, com grande sabedoria, acerca das condições em se encontram os jovens atualmente, diante das investidas em favor do consumismo, sob as quais estão constantemente expostos. Conforme o autor, os jovens são considerados “terras virgens” frente ao mercado. Assim, boa parte das propagandas de consumo é direcionada ao público jovem, os quais, em muitas ocasiões, percebem os recursos do consumo como formas de inclusão social, no sentido do pertencimento. As redes sociais, apreciadas pelo público juvenil, são um meio de apresentar o jovem ao consumo, por meio da publicidade direcionada para este.

Neste sentido, Bauman amplia as discussões sobre o consumo, mostrando que o tempo é um dos fatores que mais importam aos que vendem e promovem o consumismo. Quanto menor o tempo que o consumidor levar para se desfazer de um produto, mais vantajoso é ao mercado. Assim, muitos produtos são fabricados com curtos prazos de validade, e outros são construídos com baixa qualidade, ocasionando as trocas breves. Essa ideia segue a lógica de uma sociedade de consumo, na qual todas as coisas devem ser imediatamente consumidas e descartadas, promovendo as trocas constantes, para que o dinheiro não fique estagnado, mas em permanente rotatividade. Em um contexto consumista, o ideal é que as pessoas não parem para realizar uma única tarefa, mas que consigam se deslocar, alimentar, estudar e relacionar, tudo em um único momento. Tudo precisa ser adequado ao “tempo rápido”, o qual rege esse tipo de sociedade.

No livro “Isto não é um diário”, Bauman estabelece um debate com as ideias de José Saramago, a partir da obra “O caderno”, publicada em 2009 pela Companhia das Letras. A partir dos textos, é possível notar a identificação de pensamento entre Bauman e Saramago, o que provavelmente motivou Bauman em algumas das reflexões contidas no livro apresentado por meio desta resenha. No capítulo introdutório ao livro, Bauman fala sobre seu recente contato com a obra do escritor português, a qual consiste em uma espécie de diário mantido por Saramago entre os anos de 2008 e 2009, e publicado em Lisboa. Durante o livro “Isto não é um diário”, Bauman se utiliza de vários pensamentos de Saramago, deixando claro que estes serviram de inspiração para constituição do livro aqui analisado.

Bauman embasa algumas de suas reflexões em notícias cotidianas de jornais, como o *New York Times* e o *Le Monde*, discutindo temáticas atuais naquele contexto, manifestando sua opinião e crítica quanto aos temas abordados. Bauman se utiliza de algumas leituras para construção de seus argumentos, como a ideia de *outsiders* e “estabelecidos” de Norbert Elias. Sobre essa ideia, Bauman formula uma discussão a respeito dos ciganos (exônimo para Roma) na Itália, e sobre a discriminação que sofrem. Ele analisa as dificuldades de ser “estranho” em um local desconhecido, assunto sobre o qual ele discorre com sabedoria, já que presenciou os dramas de viver longe do seu lugar de origem, em uma cultura que teoricamente não era dele.

Estes são alguns dos temas sobre os quais Bauman discorre ao longo do livro, sendo que diversos outros fragmentos sobre política, relações sociais, educação, globalização e questões ambientais são abordados pelo autor. Bauman escreve sobre muitos temas, sem uma ordem lógica, mas expondo seus pensamentos de modo natural, sem exigências, com a maturidade de alguém que já viveu muitos anos e acumulou diversas experiências. Esta obra permite ao leitor “viajar” por diversos lugares, compreender ideias contemporâneas e adentrar nas reflexões que Zygmunt Bauman sabe conduzir com peculiar maestria.

O livro está estruturado em títulos que se remetem ao mês e ano em que as reflexões foram escritas: Setembro de 2010, Outubro de 2010, Novembro de 2010, Dezembro de 2010, Janeiro de 2011, Fevereiro de 2011 e Março de 2011, além de notas ao término do livro. Composto estes capítulos, existem subtítulos com a data em que os fragmentos foram escritos, e um título específico que caracteriza o tema. Para concluir sua obra, Bauman utiliza-se de um texto de H. G. Wells, formulando uma comparação entre seus pensamentos, em especial em um ponto crucial, a ideia de se sentir “deslocado”. Wells se sentia deslocado em

um contexto de Primeira Guerra Mundial, enquanto Bauman afirma que seu deslocamento aconteceu ao longo da vida de muitas maneiras: distanciamento do mundo na infância, exílio no período da Segunda Guerra Mundial, uma separação entre suas esperanças e expectativas e a realidade social, a condição de ser estrangeiro em outro lugar, etc.

Bauman demonstra suas inquietações com o mundo neste livro, mas também mostra suas fragilidades pessoais, e termina seu livro com um trecho da obra de Wells, no qual o autor discorre sobre as transformações no mundo e as mudanças na sociedade em que estava inserido. Ele finaliza compartilhando do sonho de Wells sobre a existência de uma sociedade em que todas as pessoas tenham boas perspectivas de autorrealização, saúde, não havendo mais escravos, pobres e nem pessoas em situações inferiores diante das demais. Uma sociedade justa, pela qual, segundo Zygmunt Bauman e muitos dos seus seguidores, vale a pena continuar lutando.